comunicologia
Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília

MULHERES NEGRAS E OPRESSÕES INTERSECCIONAIS: RACISMO, SEXISMO E CLASSISMO NO BIG BROTHER BRASIL

Patrícia de Souza Nunes[1]
Suewellyn Cassimiro Sales[2]

RESUMO
O artigo busca refletir sobre cruzamentos de opressões no Big Brother Brasil, da TV Globo. Tem como *corpus* edições de 2020 a 2022, com mulheres negras em suas narrativas. Realizamos análise descritiva de vídeos e comentários sobre o *reality*, recorrendo à noção de *escrevivência* e acionando pensadoras do feminismo negro e da interseccionalidade. Consideramos que o BBB reproduz midiaticamente opressões interseccionais e discursos de violência, discriminação e subordinação de mulheres negras.

PALAVRAS-CHAVE
Big Brother Brasil. Opressões interseccionais. Mulheres negras.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre os cruzamentos de opressões midiatizadas no programa Big Brother Brasil, da Rede Globo de televisão. A emissora brasileira é a maior rede de televisão comercial aberta do país, cobrindo cerca de 99,55% do total da população, e a segunda maior do mundo. O BBB, *reality show* da Globo que teve início no ano de 2002, finalizou sua 22ª temporada e teve como apresentadores Marisa Orth, Pedro Bial, Tiago Leifert e Tadeu Schmidt.

Com direção de José Bonifácio Brasil de Oliveira, Boninho, o programa conta com veiculação na tv aberta e canais de visualização paga pelo Pay-Per-View GloboPlay – 24 (vinte e quatro) horas por dia, nos 7 (sete) dias da semana – e perfil nas plataformas

[1] Mestra em Estudos da Mídia pela UFRN e Doutoranda em Comunicação pela UFPE. Bolsista Facepe. E-mail: patricia.nunes.ufrn@gmail.com.
[2] Mestra em Comunicação pelo PPGCOM da Universidade Federal do Ceará. Bolsista CAPES. E-mail: suecassimiro@alu.ufc.br.

digitais do Facebook (com 10,6 milhões seguidores), do YouTube (406 mil inscritos) e do Instagram (16,5 milhões de seguidores).

A partir do exposto, este estudo tem como *corpus* as edições de 2020, 2021 e 2022, que trazem participantes negras em suas narrativas midiáticas. Analisamos vídeos do programa e comentários nas redes sociais, cuja temática envolve opressões interseccionais tais como racismo, classismo, sexismo e transfobia, atrelados à trajetória das mulheres negras Thelma (BBB20), Karol Conká (BBB21); Jessilane, Natália, Maria e Linn da Quebrada – ou Lina, mulher trans (BBB22).

Realizamos uma análise descritiva recorrendo à noção de *escrevivência* de Conceição Evaristo (2008), acionando pensadoras do feminismo negro e da interseccionalidade como Lélia Gonzalez (1984), Carla Akotirene (2020), Djamila Ribeiro (2019), Winnie Bueno (2020) e Patricia Hill Collins (2019), com as noções de interseccionalidade, imagens de controle e lugar de fala.

Adotamos a *escrevivência* por compreender que podemos nos inserir no texto, mesclando as nossas experiências de vida com acontecimentos sociais. Escrevivência, segundo Evaristo (2008), é um processo criativo que nasce de dentro, são narrativas atravessadas por marcadores interseccionais de gênero, raça e classe. É a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil. É preciso que tenhamos o direito de contar nossas próprias histórias e, assim, romper com a lógica de opressão e o lugar de subalternidade. Já lugar de fala é o conceito desenvolvido pela filósofa negra Ribeiro (2019) e utilizado no sentido de situar a posição social no discurso.

O pensamento interseccional é, de acordo com a feminista negra Akotirene (2020), uma sensibilidade analítica, pensada por feministas negras cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista, a rigor, focado nos homens negros. Permitindo enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, encontramos nesses cruzamentos mulheres de cor, lésbicas, terceiromundistas, interceptadas pelos trânsitos das diferenciações, dispostos a excluir identidades e subjetividades complexificadas, desde a colonização até a colonialidade.

Diretamente relacionado à teoria interseccional, o conceito de imagens de controle ou *controlling images* indica uma representação específica de gênero para

pessoas negras, que se articula a partir de padrões estabelecidos na cultura. Conforme Collins (2019), socióloga negra norte-americana, o sistema de poder que sustenta as imagens de controle possui estratégias de dominação que as propaga de maneira a culpabilizar as mulheres negras pelas injustiças sociais em que estão inseridas. Acionamos a imagem da Jezebel, de Collins (2019) e Bueno (2020), em articulação com a noção de Mulata, de Gonzalez (1984).

Entre essas injustiças a que estão submetidas, as mulheres negras sofrem com o racismo, uma estrutura fundamental das relações sociais, responsável por criar desigualdades e abismos em um sistema de opressões que nega direitos (Ribeiro, 2019). Transmitido pelos meios de comunicação de massa, reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores da cultura ocidental branca são únicas, verdadeiras e universais (Gonzalez, 2020). Pensando a situação das mulheres negras no Brasil, a opressão do racismo é indissociável do sexismo e do classismo, produzindo efeitos violentos principalmente na vida de mulheres negras.

Como grupo, essas mulheres estão em uma posição peculiar na sociedade, pois compõem a base da pirâmide ocupacional e possuem *status* social inferior ao de qualquer outro grupo (Hooks, 2019). As mulheres negras carregam, social e historicamente, o fardo da opressão do racismo, do sexismo e do classismo.

O problema dessas imagens de controle no imaginário social é a ocorrência da naturalização de mulheres negras enquanto o Outro, gerando assim diversos prejuízos sociais e pessoais a essas mulheres (Bueno, 2020). Nesse sentido, a mídia apresenta roteiros importantes de gênero, classe, raça, etnia e sexualidade que trabalham juntos e se influenciam, como afirmam Collins e Bilge (2021). Ao analisarem as opressões interseccionais nos casos das atletas esportivas, as autoras alertam que as imagens midiáticas sustentam o sistema de opressão interseccional e:

> [...] reiteram a crença de que os resultados desiguais entre quem vence e quem perde são normais dentro da competição do mercado capitalista. Eventos esportivos, concursos de beleza, *reality shows* e competição similares transmitem, com frequência, a ideia de que as relações de mercado do capitalismo são socialmente justas desde que haja *fair play*[3] (Collins; Bilge, 2021, p. 24-25).

[3] Em que cada um de nós temos acesso igual às oportunidades nas instituições sociais; que as competições são justas entre indivíduos e grupos e que os padrões de quem vence e perde são, em sua maioria, justos.

O Big Brother Brasil e outros *reality shows*, em geral, nos fornecem esses roteiros. Por isso buscamos aqui identificá-los e refletir sobre como as opressões interseccionais são apresentadas e recebidas pelo público do programa.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como primeiro procedimento, a pesquisa realizou um levantamento nas plataformas GloboPlay e Youtube para a coleta dos vídeos das três temporadas do BBB, que ilustram casos de sexismo, racismo e classismo contra participantes negras. Ressalta-se que as edições foram escolhidas por serem as últimas acompanhadas pelas autoras deste artigo. Os comentários sobre as participantes e os casos de opressões foram coletados nas redes sociais digitais do programa e em páginas que comentam as edições, como Gshow, Portal na telinha, Leo Dias, Splash Uol, Notícias da TV, Gina Indelicada e RedeTV.

Após a seleção dos canais e páginas, realizamos *prints* (capturas de tela) dos comentários referentes às participantes no período de 18 de fevereiro de 2022 a 02 de agosto do mesmo ano. Para ilustrar os casos de opressão de mulheres negras, selecionamos o vídeo em que ocorreu o chamado Jogo da Discórdia[4], com a participante Natália sendo agredida. Também escolhemos os casos de Linn da Quebrada, em que ela foi chamada pelo pronome *ele* e do cancelamento de Karol Conká. Além desses, apresentamos outros episódios de opressões interseccionais observados de 2020 a 2022.

Recorremos ao pensamento feminista negro para fundamentar o debate crítico, a leitura e a interpretação dos casos. Entendemos que, como mulheres, inseridas em contextos semelhantes – oriundas de famílias pobres e, no caso de Sales, negra –, somos todas, em determinados momentos, atravessadas pelo que assistimos nas edições analisadas.

[4] A dinâmica consiste em fazer com que os participantes coloquem adjetivos, na maioria das vezes pejorativos, ou defeitos nos demais companheiros do programa (ao vivo), originando, em muitos casos, desavenças e brigas.

Esta pesquisa é documental e bibliográfica, em que utilizamos vídeos e fotografias e recorremos às bibliografias específicas sobre o assunto estudado. A respeito desta metodologia, Loizos (2015) afirma que a pesquisa social pode empregar dados imagéticos porque o visual e a mídia desempenham papéis importantes na vida social, política e econômica. Nesse sentido, por ser um fato social, os meios de comunicação não podem ser ignorados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Constatamos que opressões interseccionais tais como racismo, sexismo e classismo são reproduzidas e reforçadas no BBB. Identificamos isso nos casos de Thelma, participante negra vencedora em 2020, médica, de origem popular que, mesmo ganhando o programa, tem pouca visibilidade e número inferior de seguidores (5,7 milhões) em comparação com a segunda colocada da temporada, Rafa Kalimann (22,7 milhões), mulher branca de classe alta. O racismo parte também da própria emissora, pois, enquanto Rafa é contemplada com um programa que leva seu nome, Casa Kalimann, Thelma é inserida apenas em pequenas participações no programa Bem Estar, apresentado pela jornalista Michelle Loreto. Uma cena chocante de racismo com Thelma acontece quando ela, no Castigo do Monstro, recebe a punição de ficar dentro de uma gaiola[5], fazendo alusão direta aos castigos da escravização impostos às pessoas negras nas senzalas, nos porões de navios negreiros, nas favelas. Assim, identificamos discursos da audiência afirmando que ela não merecia ter ganhado o prêmio: “o programa não é caridade, é um lugar de jogar. Quem jogar melhor vence, simples”. Uma mulher negra de origem pobre não merece ganhar o programa?

Vimos outro caso de classismo[6] em 2022, quando Tiago Abravanel se assusta por Jessilane considerar que um tênis de 150 (cento e cinquenta) reais é caro para sua realidade social. Neste episódio, participantes estão se arrumando para um evento e falam sobre *looks* que trouxeram para usar no programa. Tiago Abravanel, homem branco, de classe social alta, neto de Silvio Santos – apresentador e dono da emissora

[5] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=elnxx75pTGg&t=44s.
[6] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ydyojJMSz-w.

de televisão SBT, afirma de forma generalizada para Jessilane, mulher negra de origem popular e professora de biologia, que um tênis de 150 (cento e cinquenta) reais é barato. Jessi, como é chamada pelos outros integrantes, reage ao comentário: "[...] um tênis desse aqui é super legal, mas é caro." Tiago, insistente, responde com tom de surpresa: "esse daqui? esse não", ao que ela rebate: "pra mim é".

"Quanto é barato um tênis pra você?", continua Tiago Abravanel. Esta atitude expõe a participante Jessi a uma situação humilhante e de constrangimento, pois se ela já afirmou que este tênis é caro, ele ainda a força a dizer o quanto ela conseguiria pagar por um calçado.

Refletindo sobre a imagem de controle da Jezebel ou da Mulata, identificamos crítica reiterada ao comportamento da participante Natália, mulher negra com vitiligo, modelo e manicure, lida pelo sistema patriarcal, sexista e machista como um corpo vulgar, fora dos parâmetros sociais que controlam a sexualidade feminina, suas atitudes e seus comportamentos.

Percebemos nuances de outras imagens de controle impostas às participantes negras. No caso de Natália, a solidão da mulher negra é observada quando ela tenta se relacionar com o participante Lucas, homem branco heterossexual, que, embora corresponda ao afeto inicialmente, a troca por Eslovênia, mulher branca, Miss Pernambuco, que está no padrão aceito socialmente para uma relação entre pares. Há ainda linchamento midiático provocado pelo Jogo da Discórdia[7] (ver Figura 1), dinâmica do programa, em que Natália sofre diversas acusações, de quase todos os integrantes, pelas leituras de seu comportamento. Neste dia, ao vivo, o seu corpo, negro, foi o mais agredido, jogaram sobre ela água suja e sua cabeça foi atingida com um balde por Maria, mulher negra periférica, que foi expulsa do *reality*.

[7] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3s3sH5TPjiM&t=299s.

Figura 1 - Maria agride Natália no Jogo da Discórdia

Fonte: canal do BBB no *Youtube*, 2022

Interessante observar que entre os comentários analisados com respeito a esse episódio de agressão envolvendo Maria e Natália, identificamos os seguintes comentários de opressão no Instagram e no canal do Youtube oficiais do BBB: "mais uma feminista tosca ensinando a fazer errado"; "vem ser agressiva aqui fora [mensagem direcionada a Maria, expulsa após o caso]"; "então [,] né [,] agora a Natália está se fazendo de coitada, aquilo [a baldada] nem doeu direito, ela [Maria] pediu desculpa até [,] vcs deveriam tirar a Natália (ñ é racismo)". Há conivência da produção do programa em relação às opressões interseccionais de raça, gênero e classe e, ao mesmo tempo, nítidos violência e julgamento por parte do público com as duas mulheres negras do *reality*.

Para além desses comentários de opressão, em especial com a Natália, chama atenção o discurso da apresentadora de TV Sônia Abrão[8], mulher branca de classe alta, que ilustra bem características da sociedade machista em que impera a narrativa de que as mulheres não podem ter iniciativa em uma relação entre pares e, ao interseccionar isso com a questão de raça, a mulher negra é vista como depravada; tem sua sexualidade negada e, ao mesmo tempo, julgada por tomar esse tipo de iniciativa.

Nos casos em que a apresentadora comenta o comportamento da Natália em festas do BBB, ela é criticada por beber, por falar alto, por ser sensual. Ela é taxada por Sônia como pessoa sem educação, sem modos, não sociável. A agressora afirma que Natália fez de Eliezer, participante com quem teve relações íntimas na casa, seu "objeto

[8] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hQDgiGvpKao.

sexual", ignorando ou desconhecendo a condição de solidão da mulher negra, que é frequentemente preterida como parceira nos relacionamentos. Em muitos casos, mulheres negras são usadas como objeto sexual enquanto mulheres brancas são assumidas como parceiras publicamente e escolhidas para relacionamentos estáveis. Esta condição remete ao que a intelectual negra Gonzalez (1984) denominou de "concubinagem", uma espécie de concubinato com *sacanagem*. Quando há apenas sexo, não há entraves para a relação com mulheres negras. Contudo, há choque social quando elas são alçadas a parceiras estáveis nos relacionamentos.

Ainda na temporada de 2022, detectamos racismo e transfobia com Linn da Quebrada – ou Lina –, mulher negra de origem pobre, atriz, cantora e ativista social, no episódio[9] em que Laís, mulher branca e médica, faz um comentário racista sobre seu cabelo crespo trançado: "olha que linda, prefiro você assim do que com aquela porra de trança" e com a insistência de participantes de chamarem Lina pelo pronome *ele*, quando ela, uma mulher trans, tem tatuado na testa o pronome feminino *ela* (ver Figura 2).

O comentário racista sobre o cabelo de Lina acontece em uma confraternização após a cantora retirar suas tranças e assumir seu cabelo curto e crespo. Cercada por Larissa, Eslovênia, Jade e Laís, mulheres brancas, magras, de cabelo liso e longo, Lina ouve de Laís a frase transcrita no parágrafo anterior. Lina sofre racismo, transfobia e é desumanizada a ponto de Laís, na ocasião, se dirigir a ela na terceira pessoa, falando como se ela não estivesse presente. O fato ilustra, por um lado, a imposição dos padrões estéticos brancos e, de outro, a coragem de assumir cabelos crespos e cacheados, símbolos de luta e resistência da população negra.

[9] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sOPRmxI7DCc.

Figura 2 - Lina explica ao vivo por que deve ser chamada pelo pronome *ela*[10]

Fonte: *GloboPlay*, 2022

O caso de transfobia[11] contra Lina tem como autora a participante Eslovênia, também conhecida por Eslô, mulher branca, cis e heterossexual, e se deu da seguinte forma: reunidos na mesa, Eslovênia se dirige a Lina pelo pronome masculino *ele*[12]. Para a participante cis, é justificável chamá-la pelo pronome *ele*, ainda que Lina explicitamente performe feminilidade e tenha tatuado em seu rosto o pronome *ela*, como reforço de sua identidade de gênero. Ao ser imediatamente corrigida por Lina, Eslovênia repete o pronome *ela* em tom de deboche.

A Figura 2 apresenta a cena em que Lina é convocada para explicar o motivo de ter tatuado o pronome feminino em sua testa. Nesta noite, o apresentador do programa não nomeia a autora da violência: as câmeras do programa ocultam o rosto de Eslovênia e Lina é obrigada a ensinar sozinha como não cometerem novamente o crime de transfobia[13].

O acobertamento do episódio transfóbico é tamanho que ignoram o fato de a transfobia ser crime e que deveria resultar na expulsão de Eslovênia. Não há, para a posteridade, registro de autoria, visto o que vídeo deste caso de opressão não está disponível nas plataformas digitais do programa. Vale ressaltar que a autora da

[10] Ver em: https://globoplay.globo.com/v/10234310/.
[11] A transfobia é um tipo de preconceito e discriminação semelhante ao racismo e sexismo, e várias formas de opressão podem se interseccionar com a transfobia.
[12] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=x7nobI11BjI.
[13] A Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados aprovou projeto que criminaliza a homofobia e a transfobia (PL 7582/14) em 2019. Na íntegra em: https://www.camara.leg.br/noticias/559453-direitos-humanos-aprova-criminalizacao-da-homofobia-e-da-transfobia.

violência, Eslovênia, faz parte de um sistema branco, cis e heterossexual. Mesmo não sendo homem, continua desfrutando de privilégios que embutem poder de validação social.

Com respeito aos comentários direcionados à participante Lina por parte do público, foram identificadas as seguintes ofensas e opressões: “nasceu foi ele e não ela[,] então é ele”; “na verdade sempre vai ser ele[,] nunca vai ser mulher”; “se ela tem ela na testa, no corpo tem ele”; “Globo sendo Globo”; “quando conseguir engravidar eu chamo de ela”; “pra mim vai ser sempre ele”. Fazendo alusão a outro momento, em que Lina beija a participante Maria[14] em uma festa da casa, o público comete mais transfobia, discriminação e homofobia com os seguintes comentários: “travesti é pra pegar mulher?”; “vai entender, que lombra é essa kkk”; “coisa nojenta”; “ué mulher trans gosta de mulher? Enta lacração nesse mundinho moderno”.

Na edição de 2021, observamos episódios de racismo envolvendo a participante Karol Conká, mulher negra, *rapper* e compositora, a partir da imposição dos estereótipos da mulher negra arrogante e agressiva. Comparando essa suposta agressividade de Karol, estendendo a análise a Maria, participante de 2022, essa imagem de controle não é imposta a participante Jade, mulher branca, de olhos azuis, família rica, que também carrega traços que podem ser lidos como agressividade e arrogância, mas passam despercebidos por outros companheiros da casa e do grande público, por conta de sua cor e posição social. Outro ponto a ser destacado na temporada de 2021 é o cancelamento da Karol Conká pelo público em virtude de atitudes suas no BBB – ela é eliminada com 99,17% dos votos, o maior índice de rejeição da história do programa[15] (Figura 3).

[14] Ver em: https://www.youtube.com/watch?v=WnUBeFDbUXU.
[15] Ver em: https://www.youtube.com/watch?v=ojUvpSlA_Cg.

Figura 3 - Karol Conká é eliminada com 99,17% dos votos

Fonte: canal do BBB no *Youtube*, 2022

Chama atenção também, na edição com a Karol Conká, exploração, por parte da edição do programa, de características da cantora de se posicionar de forma *debochada*, *caricata*, *intensa*. O programa usa dessas atitudes para defini-la como uma mulher negra agressiva e violenta, ou seja, como a vilã daquela edição. Por que será que participantes brancas, dessa e de outras edições do BBB, com características semelhantes, não foram colocadas nessa mesma posição? Percebemos que esse cancelamento da Karol Conká, com tamanho recorde de rejeição, vai além do julgamento de suas ações no programa: reflete, em grande medida, a liberdade de a sociedade racista, sexista, classista de estar constantemente subjugando, condenando, apontando erros e castigando as mulheres negras.

> E isso demonstra o quanto as mulheres negras são indesejadas, rejeitadas e vistas como não sociáveis; espera-se ansiosamente por seus deslizes. Certa vez, Sales escutou que a sociedade racista está sempre à espreita, com o chicote na mão, pronta para açoitar pessoas negras em seus momentos de equívoco. Pessoas não podem falhar? Pessoas negras não podem falhar? Pessoas negras não são pessoas? (Sales; Nunes, 2022, p. 75).

As opressões interseccionais nos episódios selecionados são de fácil e imediata identificação e constante reiteração. O lugar alocado às mulheres negras no Big Brother Brasil é o de sempre: o do racismo, do sexismo, do classismo. E quando se intersecciona com a identidade de gênero, vemos que a participante negra trans Linn da Quebrada sofre transfobia. Para além da análise dos vídeos divulgados pelo programa e outros sites, que nos permitiu identificar opressões interseccionais no BBB, a leitura de

comentários do público sobre Thelma, Jessilane, Natália, Maria, Linn da Quebrada e Karol Conká, aqui estudadas, evidenciou conivência e convergência com ações e pensamentos discriminatórios contra participantes negras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que o BBB reproduz midiaticamente opressões interseccionais, como racismo, sexismo, classismo e transfobia nos casos de Thelma, Jessilane, Natália, Maria, Linn da Quebrada e Karol Conká, nas edições de 2020 a 2022, e que as dinâmicas do *reality*, como Jogo da Discórdia e Castigo do Monstro, alimentam discursos de violência, discriminação e subordinação de mulheres negras.

Com relação ao posicionamento do público do programa, identificado nas plataformas digitais consultadas, observamos que reproduzem opressões semelhantes às proferidas por integrantes brancos e brancas da casa contra participantes negras. O caso de agressão com a participante Natália repercutiu midiaticamente de forma negativa; o episódio com Maria, cuja expulsão foi aclamada pelo público, surtiu como punição ao seu corpo negro; o tratamento transfóbico destinado à Linn da Quebrada, em especial por parte da audiência, refletiu o conservadorismo com e a condenação a todo e qualquer corpo que foge dos padrões sociais preestabelecidos; o racismo destilado a Karol Conká, por parte do público, e a introjeção da imagem de controle da mulher negra agressiva e raivosa, conforme Collins (2019) e Bueno (2020), por parte do programa.

Além disso, a não aceitação da vitória da Thelma, em 2020, por parte do público, reforça o imaginário racista e classista de que um corpo negro não pode ascender socialmente, fato que nos faz recordar do comentário sexista de Sônia Abrão sobre Natália, ao proferir que seu lugar é no carnaval, *sambando na passarela*. Esta narrativa dá suporte a imagem de controle da Jezebel (Collins, 2019) e da Mulata (Gonzalez, 1984), a partir do imaginário da mulher negra hiperssexualizada. Já com Jessilane, tomando o conceito de lugar de fala (Ribeiro, 2019) e inserindo o atual contexto de crise econômica global, a afirmação de que um tênis de 150 (cento e cinquenta) reais é barato reflete a despolitização e falta de consciência social por parte de Tiago Abravanel.

Constatamos, portanto, que a produção do programa, parte do público e os participantes do *reality* reiteram opressões interseccionais.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade.** São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

BUENO, W. **Imagens de controle:** um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins. Porto Alegre: Zouk, 2020.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro:** conhecimento, consciência e a política de empoderamento. São Paulo: Boitempo. 2019.

EVARISTO, C. **Becos da memória.** 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, 1984, pp. 223-244.

GONZALEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano. In Flávia R. & Márcia L. (Orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano:** ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, B**. Teoria feminista***:* da margem ao centro. Tradução de Rainier Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: Bauer, M. W; Gaskell, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático (pp. 137-155). Petrópolis: Vozes, 2015.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte**:** Letramento, 2019.

SALES, S. C.; NUNES, P. S. Mídia feminista negra: uma análise das narrativas interseccionais produzidas no Kilombas Podcast. **Temática**, n. 3, mar. 2022, pp. 64-80, 2022.

comunicologia
Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília

Black women and intersectional oppressions: Racism, sexism and classism in Big Brother Brasil

ABSTRACT
The article seeks to reflect on the intersections of oppressions in BBB from TV Globo. It has as *corpus* editions from 2020 to 2022, with black women in their narratives. We conducted a descriptive analysis of videos and commentaries on the reality, resorting to the notion of *escrevivência* and using thinkers of black feminism and intersectionality. We consider that BBB reproduces intersectional oppressions and discourses of violence, discrimination and subordination of black women.

Keywords: Big Brother Brazil. Intersectional oppressions. Black women.

Mujeres negras y opresiones interseccionales: Racismo, sexismo y clasismo en Big Brother Brasil

RESUMEN
El artículo busca reflexionar sobre las intersecciones de opresiones en BBB, de TV Globo. Tiene como *corpus* ediciones de 2020 a 2022, con mujeres negras en sus narrativas. Realizamos un análisis descriptivo de videos y comentarios sobre el reality, recurriendo a la noción de escrevivência y utilizando pensadores del feminismo negro y de la interseccionalidad. Consideramos que el BBB reproduce opresiones interseccionales y discursos de violencia, discriminación y subordinación de las mujeres negras.

Palabras clave: Big Brother Brasil. Opresiones interseccionales. Mujeres negras.

Recebido em: 20/09/2022
Aceito em: 03/10/2022